

Folia de Reis - Paracatu de Baixo

Realização

Fundação Renova
Programa de Preservação da Memória Histórica, Cultural e Artística

Coordenação

Felipe Moura de Andrade, Bianca Pataro e Danielle Lima

Coordenação editorial e redação do texto

Estilo Nacional - Arquitetura, Cultura e Preservação
Marílis Mendes e Caroline Césari

Pesquisa e produção de texto

Estilo Nacional - Arquitetura, Cultura e Preservação
Caroline Césari

Projeto gráfico

Think About Estúdio

Capa

Think About Estúdio

Diagramação

Think About Estúdio

Revisão

Bontexto Revisão de Textos

Produção editorial

Think About Estúdio

Ilustrações

Pedro Ovídio

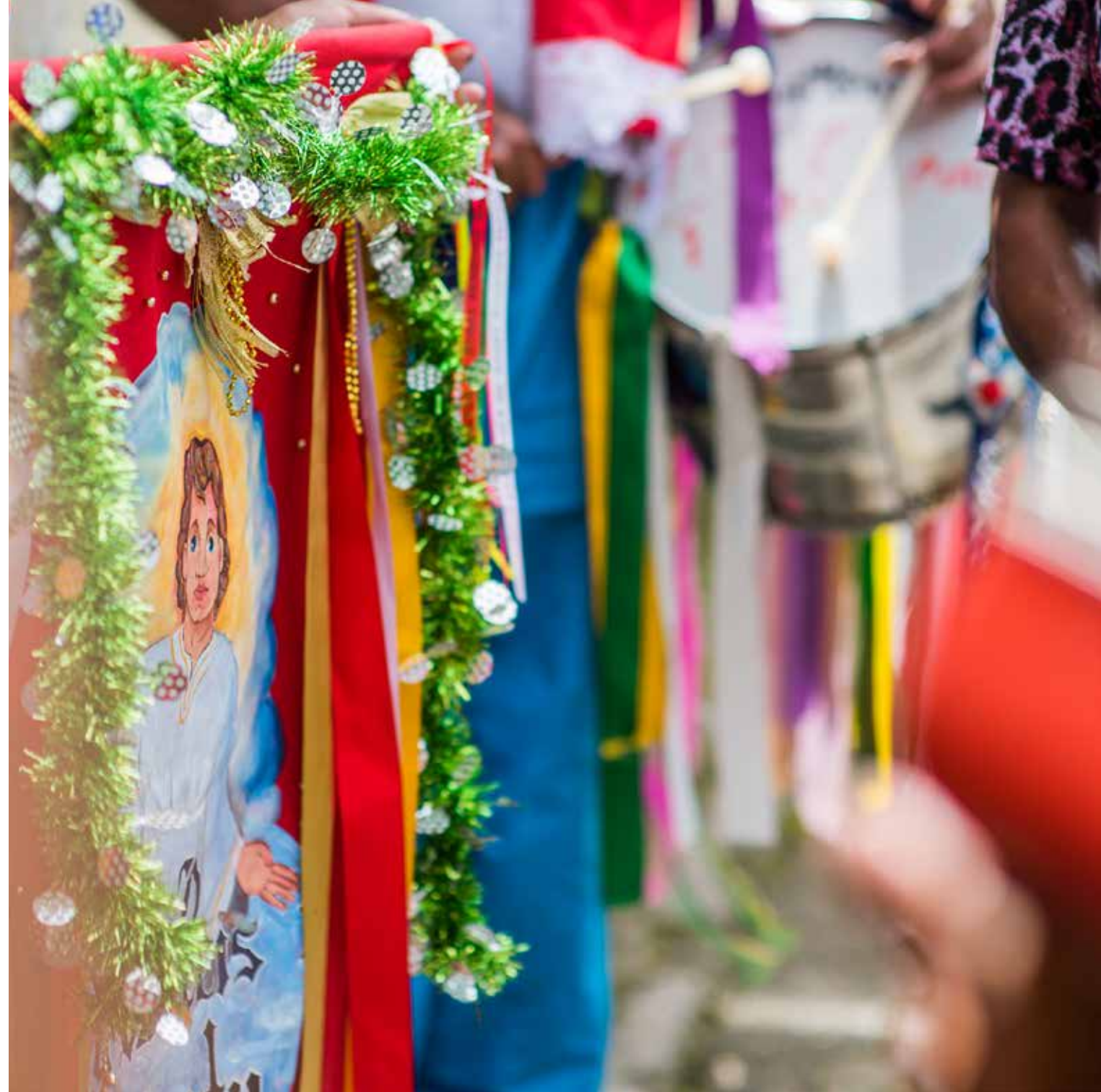
Fotografia

Léo Horta e Patrick Arley



A FOLIA DE REIS	5
A FOLIA DE REIS - PARACATU DE BAIXO	13
MESTRE ZEZINHO - O CAPITÃO DA FOLIA	19
A DEVOÇÃO AO MENINO JESUS	27
O GIRO DA FOLIA	33
INSTRUMENTOS E INDUMENTÁRIAS	41
A BANDEIRA	45
OS CÂNTICOS	51
AS ESMOLAS	55
O PALHAÇO	61
A TRADIÇÃO VIVE . OS PERSONAGENS DA FOLIA DE PARACATU HOJE	65

A FOLLA DE REIS



A Folia de Reis de Paracatu de Baixo é uma celebração centenária que ocorre na localidade de mesmo nome, pertencente ao distrito de Monsenhor Horta, no município de Mariana-MG. Trata-se de uma manifestação católica, de caráter comunitário, realizada por um pequeno grupo de devotos liderados pelo capitão José Patrocínio de Oliveira, conhecido localmente como “seu Zezinho”, ou “seu Zé Telheiro”, em referência ao antigo ofício que ele exercia. A Folia leva, ao longo de doze dias, uma mensagem de fé para dentro de cada residência e de cada estabelecimento comercial visitado e percorre tanto ambientes urbanos quanto rurais. A passagem do cortejo com instrumentos musicais e cânticos em rima reascende a crença no Menino Jesus e na capacidade deste de operar milagres e oferecer graças a todos aqueles que nele creem.

A data de surgimento da Folia em Paracatu de Baixo não é exata. Estima-se que tenha se originado nos anos finais do século XIX ou no início do século XX. O festejo começa no dia 26 de dezembro e se estende até o dia 6 de janeiro, Dia de Santos Reis — quando ocorre o ritual de “arremate” ou encerramento da festa. Em Paracatu de Baixo o grupo que produz a manifestação se autodenomina “folieiros”, e não “foliões”, como comumente são chamados em outras manifestações do mesmo tipo em Minas Gerais.

As Folias de Minas foram reconhecidas pelo IEPHA-MG — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais — como patrimônio cultural mineiro no ano de 2016¹. Foram registradas na categoria “celebrações”, entendidas como ritos e festividades que marcam a vivência coletiva de um grupo social, sendo considerados importantes para a cultura, a memória e a identidade de uma coletividade (IPHAN, 2000). Em Minas Gerais as Folias fazem parte do imaginário popular e povoam as lembranças do período natalino. Porém, também são comuns no estado, folias em homenagens a outras entidades católicas, como São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, dentre outras.

No município de Mariana as folias também fazem parte da tradição cultural local, sendo que em 2005 a Folia de Reis de Paracatu de Baixo foi inventariada, o que constitui o início do processo

de proteção e reconhecimento do bem como patrimônio cultural. Em 2016 foi feito o Dossiê de Registro da Folia, que foi enviado ao IEPHA-MG, como complemento para a documentação que fora reunida durante o processo de registro estadual das folias de Minas. Desse modo, a manifestação de Paracatu de Baixo pode ser compreendida como uma celebração detentora de valores históricos, rituais e identitários, relacionados com os processos de formação da memória religiosa e cultural do município, do estado e de seus habitantes.

As folias em Mariana são, em sua maioria compostas, por homens, porém, em Paracatu de Baixo, existe a peculiaridade de o grupo de instrumentistas ter uma presença expressiva de mulheres. Algumas folias locais encontram-se em processo de enfraquecimento, e a ampliação do escopo do grupo, permitindo a presença feminina, acaba sendo uma forma de resistência, de se manter o conjunto forte e garantir a frequência do cortejo. Em geral, o grupo de folieiros é composto pelo mestre ou capitão, pelo bandeireiro ou guardião da bandeira, pelos instrumentistas e pelo palhaço. Essa figura cômica, mascarada, incorpora os elementos profanos da celebração e sai pelas ruas brincando com as crianças, animando a passagem do grupo pelas localidades, fazendo brincadeiras, pregando peças e correndo atrás das pessoas. Algumas folias marianenses não possuem mais esse personagem, mantendo apenas o caráter sagrado do cortejo.

O esvaziamento das folias tem sido observado em todas as comunidades produtoras dessa manifestação, sendo que muitas delas estão passando por dificuldades para manter a celebração, por falta de integrantes e por falta de recursos para garantir o giro do grupo. No contexto do rompimento de Fundão, essa situação se agravou, pois alguns grupos tradicionais — como Paracatu de Baixo — foram diretamente atingidos. Os principais problemas que ameaçam essa continuidade são visíveis, mas é importante ressaltar que cada localidade também vive, no âmbito dessa tragédia, questões específicas que agravam o risco pelo qual passam as folias e afetam a garantia de preservação destas para as próximas gerações. O primeiro motivo é de ordem geral, e se deve à ausência de integrantes para compor o cortejo. O que é agravado pela falta de interesse das novas gerações pelos saberes associados à celebração, por se tratarem

de culturas orais, que demandam tempo para o aprendizado da liturgia e dos fundamentos. É grande o esforço pessoal empreendido por cada folieiro para estar presente nos dias do giro, longe do trabalho, de casa e da própria família. Essa questão atinge não apenas as folias, mas também as congadas, dentre outras manifestações católicas devocionais, que têm se esvaziado nas últimas décadas, situação que se torna ainda mais grave devido ao aumento, nas zonas rurais e nas periferias, das religiões neopentecostais. O segundo motivo se refere, para o caso específico do município Mariana e da região do entorno, à desarticulação dos territórios e populações atingidas pelo rompimento da barragem. Esse fator interferiu profundamente na continuidade dos modos de vida locais, impactando as redes de relação construídas historicamente pelas comunidades católicas e o próprio trânsito cultural, comum ao meio rural, onde uma comunidade frequentemente visita as vizinhas, participando e fomentando as celebrações, os encontros, as trocas, dentre outras formas de interação social.

Embora seja conhecido na região como “Folia de Reis”, o grupo tem, no entanto, como santo padroeiro, o Menino Jesus, cuja imagem está pintada na bandeira/estandarte que vai à frente dos folieiros durante as andanças pelos distritos e subdistritos marianenses. O município de Mariana apresenta uma histórica tradição de folias centenárias, que resistem ainda hoje na comunidade de Santa Efigênia, no distrito-sede, e nas localidades rurais de Pedras, Campinas, Águas Claras e Cuiabá. No município vizinho de Barra Longa, também existe uma tradição de folias na localidade de Barreto, vizinha à localidade de Campinas. Essas folias guardam semelhanças entre si, no que se refere aos versos e cânticos, à estrutura ritual e às localidades visitadas durante o giro.

Em novembro de 2015 houve o rompimento da barragem de Fundão, considerado o maior desastre ambiental do país, acontecimento que derramou milhões de metros cúbicos de rejeito de mineração no leito do rio Gualaxo do Norte, que banha a localidade de Paracatu de Baixo. Os prejuízos ambientais e sociais foram enormes, agravados pelo deslocamento de grande parte dessas comunidades para a zona urbana de Mariana, fator que provocou transformações nos modos de vida, na alimentação, na relação com recursos naturais e nos saberes tradicionais

locais. O subdistrito de Paracatu de Baixo foi um dos mais severamente impactados, sendo que a maioria dos elementos naturais e das edificações locais foi atingida pela lama de rejeitos. Uma dessas construções foi a casa do seu Zezinho, capitão da Folia de Reis. A residência foi levada pela lama junto a fotografias, instrumentos musicais, livros, documentos, imagens, indumentárias e objetos rituais relacionados com a celebração.

Quando se pensava que não havia sobrado mais nada e o futuro se mostrava incerto, a esperança e a fé de encontrar os objetos da folia motivaram seu Zezinho e os filhos a buscarem, em meio ao rejeito, vestígios de algo que pudesse ter sobrado depois do desastre. Dias depois do rompimento, em um cenário destruído, seu Zezinho encontrou uma das bandeiras do Menino Jesus dependurada em uma árvore, a salvo da lama. Esse era o sinal divino de que a Folia não poderia acabar, de que a devoção ao Menino Jesus em Paracatu de Baixo havia sobrevivido àquela tragédia. Como conta o mestre-capitão: “No meio da lama eu fui lá... Eu saí de Mariana e vim, para espiar no meio da lama se tinha sobrado alguma coisa. (...) Foi quando um dos meus filho falou: ‘Aqui ó! Olha a bandeira!’ Quando eu bati os olhos, que vi a bandeira limpinhazinha... Fui depressa! Fui... passei a mão nela, sacudi e virei ela. Nem um pingão de barro. Aí, eu pensei... Menino Jesus deixou essa bandeira... É um sinal... pra Folia não acabar!! E a Folia não vai acabar!!!”.

Assim, a Folia resistiu, e seu Zezinho continuou levando a bandeira e a fé para as localidades vizinhas, espalhando esperança no renascimento de Cristo, e de certa forma do próprio povoado de onde veio, dando um testemunho de força e perseverança de uma tradição cultural que não se deixou abater, nem mediante a perda de toda a materialidade que lhe dava suporte, incluindo a Igreja de Santo Antônio, que permanece até hoje com as marcas do rejeito nas paredes. Falar da Folia de Paracatu de Baixo e da trajetória de seu Zezinho para mantê-la viva é valorizar um esforço de preservação do que existe de mais importante e valioso em uma comunidade, a cultura e os traços que formam a identidade coletiva.

Assim, no intuito de garantir a continuidade e auxiliar na preservação e na divulgação da Folia



de Reis de Paracatu de Baixo, a Fundação Renova apresenta este livro, que tem como objetivo auxiliar na reparação do impacto do rompimento sobre a dinâmica da produção da celebração, que foi diretamente atingida na materialidade e na imaterialidade. Ao se documentar a folia, os produtores e as tradições envolvidas na festa, tem-se uma ferramenta para salvaguardar essa tradição secular. As páginas abaixo trazem imagens e informações que mostram a beleza e a simbologia dessa celebração tão singular e singela, sempre repleta de objetos, cores, sons, versos e manifestações de fé. Assim, “dando a ver” a Folia, será possível fazer emergir as memórias, as histórias e os elementos rituais que fazem parte dela, de modo que possa ser reconhecida não apenas pelo patrimônio cultural que é, tanto no nível municipal quanto no estadual, mas também pela relevância que possui como elemento identitário de grande valor para a cultura mineira em geral, e marianense em particular.

**"OH, BANDEIRA VEM CHEGANDO...
ELA FOI BEM RECEBIDA..."**

FOLLA DE REIS

♦ PARACATU DE BAIXO ♦



A Folia de Paracatu de Baixo é uma das principais manifestações religiosas do distrito de Monsenhor Horta. O grupo de pessoas que formam a Folia, segundo a tradição oral local, veio, com os familiares, para a região, junto do surgimento do próprio povoado, ocorrido em meados do século XIX. Não existe documentação ou bibliografia produzida sobre a celebração, tampouco relatos escritos sobre a formação inicial do grupo, quando ainda no início dessa tradição. Segundo o capitão Zezinho lembra, o senhor Antônio João permaneceu como mestre da Folia de Reis de Paracatu de Baixo por muitos anos, sendo que ele já era mestre há bastante tempo, desde quando seu Zezinho era menino, em meados dos anos 1940. Ainda conforme relata o mestre da Folia, nos anos 1950 o grupo enfrentou graves problemas de continuidade, devido ao fato de muitos dos membros serem pessoas de mais idade, para os quais pesavam o desgaste e a dureza das longas caminhadas e das cantorias durante o período de Reis.

Segundo a tradição oral local, o mestre do grupo mais antigo ainda lembrado era o já citado Antônio João. Os tios de seu Zezinho participavam com frequência da Folia, assim como o Antônio Caetano Priaco, o Raimundo de Béria, o Raimundo Cabrito, o Antônio Dundum, o José Batista e o José Ildefonso. Os sanfoneiros eram o seu Isaltino e o seu Antônio Mariano. O palhaço nessa época era o José Discena, mais conhecido como “Zico”. Como Paracatu de Baixo era uma comunidade pequena, a maioria dos membros do grupo possuía algum grau de parentesco entre si, mantendo a produção e a organização da celebração em caráter familiar, como é comum em manifestações desse tipo.

Ao longo dos anos 1970/80, a Folia de Reis começou a receber a segunda geração, já sob o comando do mestre Zezinho, formada em grande parte pelos filhos dos folieiros mais antigos. Além dos filhos do seu Zezinho, são dessa leva o Márcio Ildefonso, que é filho do José Ildefonso, a Marilene Rufino Anacleto, cuja mãe era uma das principais apoiadoras e incentivadoras do grupo. No entanto, é também nessa época que a Folia começa a enfrentar alguns problemas relacionados à migração de moradores para outras regiões ou à absorção deles por novas relações de trabalho, situação comum às outras manifestações culturais que ocorriam nas zonas

rurais, que se viram esvaziadas repentinamente. O membro mais antigo da folia ainda em atividade é o já citado capitão Zezinho. Ele tem 89 anos, sendo mais de cinquenta deles dedicados à Folia. Em várias localidades visitadas, foi citado o fato de que a Folia “do seu Zezinho” nunca falha, ou seja, não deixa de sair nem um ano. A identificação entre a Folia e o capitão dela é clara, sendo que, para a maioria dos devotos, os dois são sinônimos. Seu Zezinho é não só o capitão da folia, mas também o produtor, o mantenedor e principalmente o mentor religioso da celebração. Em Paracatu de Baixo ele é uma das lideranças da comunidade católica, sendo também o responsável pela Festa do Menino Jesus que acontece em setembro e apoiador das celebrações de Santo Antônio, padroeiro do lugar, e de Nossa Senhora Aparecida. Em ambas as festividades a Folia costuma se apresentar.

A celebração, embora muito tradicional, é pouco documentada. Não existem documentos ou bibliografia produzida, tampouco registros escritos sobre a formação inicial do grupo. Nos anos finais da década de 1950, seu Zezinho passou a ser o capitão da Folia na prática, apesar de ter sido oficializado no cargo apenas em 1961. A partir daí, a Folia passou por algumas transformações, especialmente na organização do grupo e na destinação das esmoladas arrecadadas. A sede foi transferida para a casa do novo capitão, local que também passou a servir para a guarda dos bens da Folia, incluindo os objetos rituais. Por volta dos anos de 1980, teve início um movimento de recuperação da tradição e de investimento na celebração, com ações para aquisição de novos instrumentos e confecção de novas indumentárias. A família do seu Zezinho, que a cada ano ficava maior, ajudava nesse processo, e muitos de seus filhos gradativamente entraram para o grupo, auxiliando na realização da festa. Novas bandeiras foram produzidas, e nelas agora constavam a data de oficialização do novo mestre.

As localidades percorridas pelo grupo em geral são as mesmas, mas pode haver variações de um ano para o outro, em decorrência de algum pedido de graça recebida ou de algum convite para almoço ou visita, o que também costuma partir de devotos mais antigos. As comunidades tradicionalmente visitadas pela Folia são Monsenhor Horta e Furquim, que possuem datas fixas

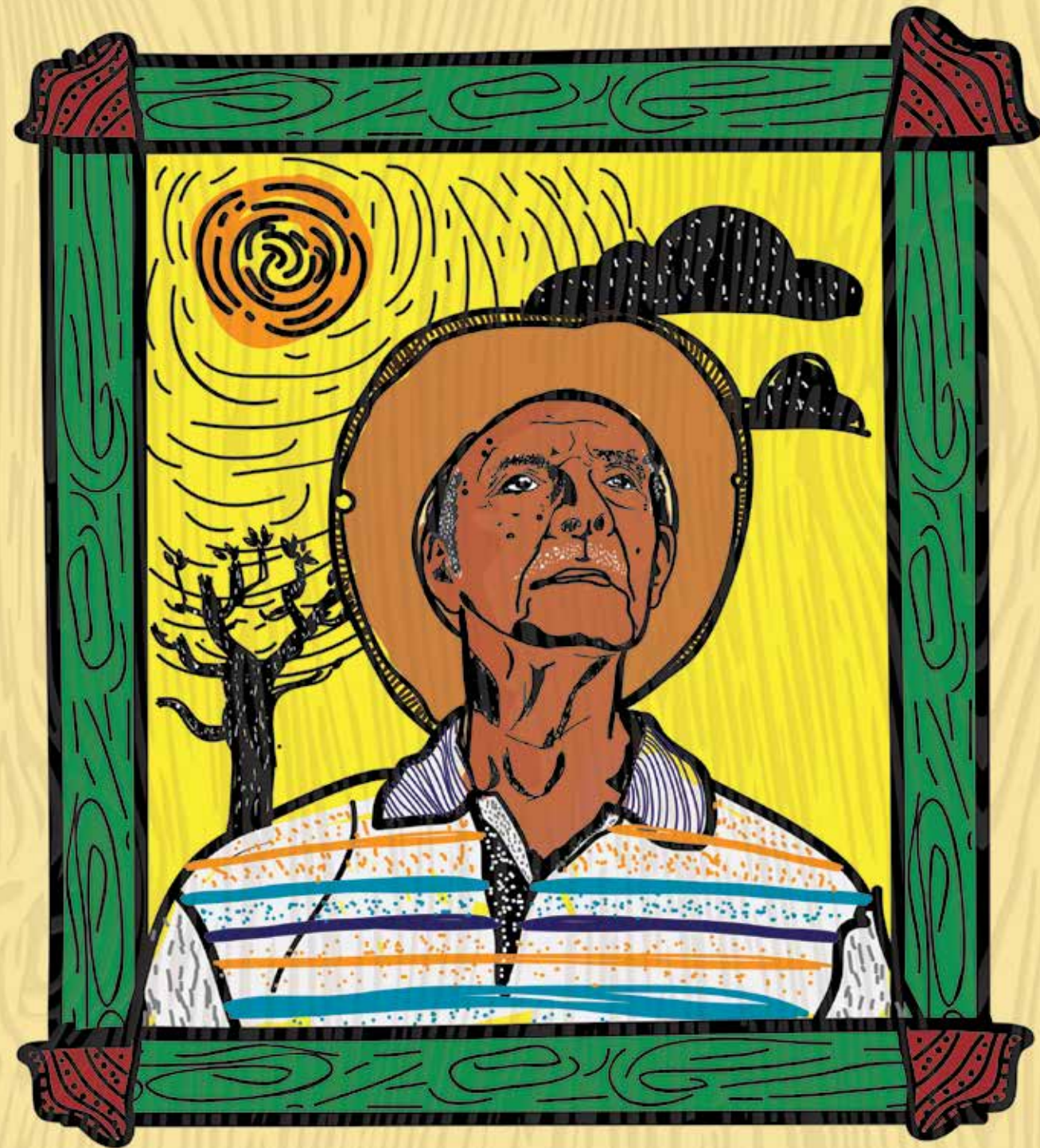
do giro. No distrito de Monsenhor Horta o grupo costuma visitar as casas dos devotos nos dias 26 e 27 de dezembro e no distrito de Furquim, nos dias 1º e 2 de janeiro. Nessas localidades já existem devotos que tradicionalmente fornecem o almoço e o pouso para os folieiros. O distrito de Águas Claras também faz parte do trajeto, pois mora nele a maior parte dos folieiros que compõem o grupo atual em atividade. As demais localidades visitadas são Campinas, Borba, Pedras, Boa Vista, Bandeirantes, Cláudio Manuel, Cana do Reino, Ponte do Gama, Ponte Branca e Paracatu de Cima.

**"NESSE PRESÉPIO ENCONTRAMOS...
JESUS, JOSÉ E MARIA!..."**



MESTRE ZEZINHO

• O CAPITÃO DA FOLIA •





O seu Zezinho (José Patrocínio de Oliveira) nasceu em Paracatu de Baixo, no município de Mariana-MG, no dia 19 de março de 1930. Segundo conta, a Folia sempre chamou a atenção dele, sendo que, desde pequeno, participava da caminhada acompanhado pelos seus familiares. Passou a andar com o grupo quando ainda era criança, com cerca de 9 anos, por influência dos tios maternos José Marcelino e José Batista, que eram tocadores de caixa e cantadores no grupo. Os pais do seu Zezinho nunca foram da Folia, embora a mãe gostasse de recebê-la, montando sempre fartas recepções para a ocasião. O mestre do grupo na época, seu Antônio João, e outros amigos do seu Zezinho que também participavam da festa o incentivaram a fazer parte do grupo de forma permanente. Ele começou tocando caixa, tendo também aprendido um pouco da sanfona, e logo passou a assimilar os versos, os momentos e as ordens das cantorias.

De acordo com o mestre, os versos eram retirados de um antigo caderno manuscrito que pertencia à Folia e cuja autoria ele desconhece. Ao longo dos anos, seu Zezinho foi adquirindo respeito no grupo, tornando-se um dos membros mais empenhados. Por isso, no final dos anos 1950, ele foi convidado pelos mais antigos para assumi-la, visto que muitos componentes, devido à idade avançada, já não aguentavam mais o pesado batente das longas peregrinações, já que os integrantes percorriam a pé diversos povoados da região.

A importância de seu Zezinho para a folia e para as celebrações religiosas de Paracatu de Baixo é enorme pois ele é o mestre e o guardião do saber-fazer, aquele que detém todos os segredos, os mistérios e conhecimentos sobre o ritual, os cânticos e a liturgia que constitui as folias, dentre outros ritos católicos. É visível a emoção das pessoas ao receberem o capitão, a bandeira e o grupo de folieiros em casa. Muitas delas se ajoelham, beijam a bandeira e a mão do seu Zezinho, em sinal de reverência e respeito ao mestre e à devoção dele ao Menino Jesus. Ele carrega ao longo de mais de meio século a bandeira, e, através de sua interseção, muitas graças foram alcançadas. Assim, a presença de seu Zezinho é a personificação de um ciclo de promessa/agradecimento que não cessa, cujo sacrifício é de ordem tanto física quanto religiosa, já que a jornada, além de longa costuma ser árdua para o grupo.



O sofrimento do corpo é oferecido em salvação às almas não só daqueles que caminham, mas também de todos os que receberão a bandeira, demonstrando a fé no Menino Deus. O capitão, nesse sentido, tem a função do firmamento da palavra e da fé, pois ele é quem puxa o canto e organiza cada etapa do ritual. Ele mantém a coesão do grupo de tocadores e os mantém firmes no propósito da caminhada, sendo que, para muitos folieiros, a participação no cortejo é em si mesma uma fonte de benefícios sagrados.

Cabe ao capitão garantir que cada devoto que solicitou a presença da Folia em casa seja lembrado e visitado. Seu Zezinho, como capitão, tem o papel de definir o trajeto e o momento para início e término da jornada, bem como o tempo de permanência em cada residência, além do cântico que será entoado e do andamento dos instrumentos e do coro. Ele pode ser definido como um mestre de notório saber, pois, além de ser o detentor do conhecimento, é reverenciado por toda a comunidade como o elemento mais importante da celebração, o elo que mantém o grupo unido e motivado, conhecedor dos fundamentos, das orações e rituais e responsável pela produção, pela circulação e pela transmissão desses saberes para as novas gerações.

**"LÁ NO CÉU TÁ PREPARADO...
ESSE LINDO RETRATO DELE (OU DELA)..."**



A DEVOÇÃO AO MENINO JESUS.



A devoção ao Menino Jesus em Paracatu de Baixo está relacionada não só à Folia, está também inserida na comunidade por meio da Festa do Menino Jesus, que acontece anualmente, no mês de setembro. A festa foi criada por seu Zezinho e se tornou o marco inicial do ciclo de produção e organização da Folia para o mês de dezembro. Segundo relato do mestre Zezinho, quando assumiu a direção do grupo, não foram feitas muitas mudanças com relação ao trajeto percorrido durante o giro da Folia. As esmolos, no entanto, deixaram de ser destinadas à caridade. De acordo com o capitão, ele achava essa destinação muito nobre, mas dava pouca visibilidade à Folia, além de não garantir recursos ou apoio para continuidade da manifestação.

Assim, logo que assumiu a direção da celebração, ele conversou com um compadre sobre a ideia de usarem essas esmolos para fazerem uma grande festa comunitária dedicada ao Menino Jesus, recebendo também os outros grupos culturais, como folias e congados da região. O amigo gostou da ideia, e logo os dois começaram a esboçar o plano. Havia o receio de que os recursos arrecadados não fossem suficientes para a empreitada, visto que uma festa do tipo costuma ser bem dispendiosa, se comparado com o volume de esmolos arrecadadas. Porém, eles decidiram correr o risco e fazer a festa, mesmo que tivessem de arcar com o prejuízo. E, assim, em dezembro de 1961, ocorreu a primeira Festa do Menino Jesus de Paracatu de Baixo, tendo como palco o largo da Capela de Santo Antônio e a casa do seu Zezinho. A tradicional Sociedade Musical de São Caetano, de Monsenhor Horta, sempre anima o evento, e as guardas de Congado locais são convidadas. Porém, por se tratar de um período de muita chuva, já que é verão, a realização da festa, que era em dezembro, logo foi transferida para o mês de setembro, uma época menos chuvosa, garantindo, assim, o sucesso da celebração, que, ano após ano, foi se consolidando no calendário da comunidade como uma tradição local.

A Festa tem duração de dois dias, durante um final de semana. É composta por procissões, missa e apresentação de outros grupos culturais da região, como bandas de música, corais, folias e congados. No sábado acontece o levantamento do mastro com a bandeira do Menino Jesus, e, após a queima de fogos de artifício, ocorre uma intervenção da Folia que entoia cânticos específicos

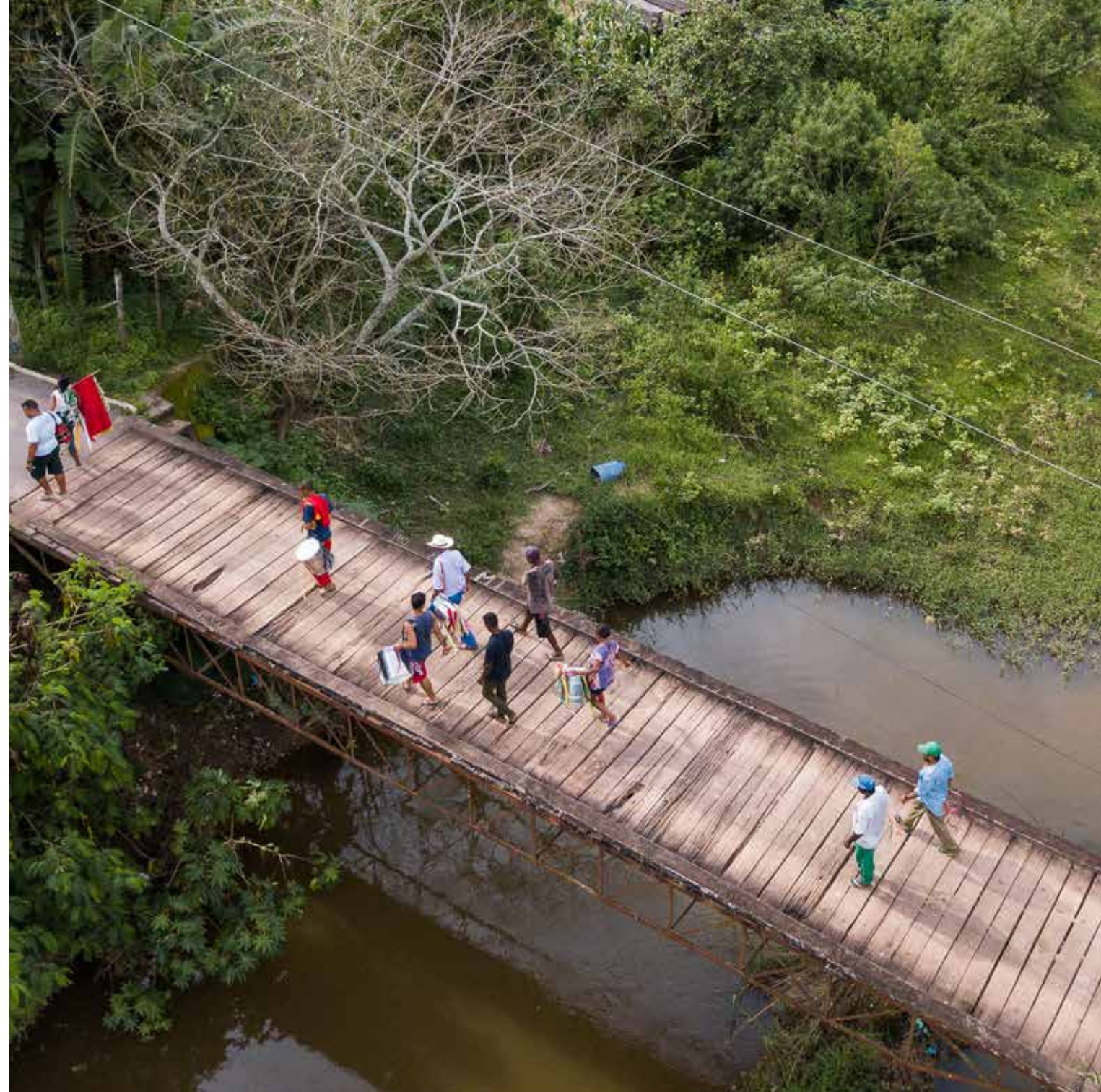
para essa ocasião dentro da Capela de Santo Antônio. No domingo, o dia começa com procissão que leva a imagem do Menino Deus por todas as ruas de Paracatu de Baixo e termina com uma missa que culmina com mais apresentações de grupos culturais locais. Durante toda a festividade, são servidos lanches e refeições para os presentes, sempre com muita fartura e animação. Bandas de música são contratadas, garantindo que a parte profana da festa também seja atrativa. Em geral, o cardápio das refeições oferecidas costuma trazer pratos típicos de Minas Gerais, como o tutu de feijão, o frango com quiabo e o angu. O momento da comida comunitária ou votiva é de grande importância, pois o alimento coletivo é um momento de compartilhamento das graças e de aprofundamento dos vínculos que ligam os devotos ao santo protetor e a comunidade ao grupo de produtores da celebração. A comida farta é sinal de sucesso da Festa e de prosperidade para a Folia, que terá, portanto, recursos para fazer o giro no Ciclo Natalino. A circulação de símbolos sagrados fortalece a fé da comunidade, aumentando o número de devotos e de casas visitadas durante o giro, impactando positivamente o volume de donativos arrecadados. Assim, o ciclo se completa e se retroalimenta a cada ano.

A Festa do Menino Jesus e a Folia de Reis se complementam como eventos religiosos. A primeira marca o início do ciclo de produção da segunda. Seu Zezinho é o produtor de ambas, sendo a crença no Menino Jesus consolidada pelos esforços pessoais do capitão como um elemento devocional pertencente à tradição local. A Festa é uma forma de propagar a fé no Menino Jesus e divulgar o grupo da Folia na comunidade e no entorno, promovendo um intercâmbio cultural responsável por fomentar vínculos intra e intercomunitários de grande relevância para a preservação tanto da Folia quanto da Festa. Assim, como seu Zezinho interliga a produção e a devoção por meio da Festa e da Folia, ele cria a própria autonomia na realização dos eventos. Com a Festa, cria-se um público desejoso de receber o giro da Folia, e, durante a caminhada, são estabelecidas relações de reciprocidade que ligam comunidades vizinhas, alimentando os elementos identitários e os sentimentos de pertencimento comuns, os quais fomentam o Ciclo “Festa-Folia” que assim se reproduz, até os dias de hoje.

**"NASCEU O MENINO JESUS...
NASCEU FOI O FILHO DA VIRGEM..."**



OGIRO DAFOLIA





O giro da folia é o caminho percorrido pelo grupo durante o Ciclo Natalino, ao longo dos doze dias de realização da celebração. Trata-se de uma rede complexa de rituais composta pela preparação dos folieiros para a jornada, por cantos de entrada e saída, pelos desafios e mistérios e pelos fluxos e trajetos que contemplam tanto as áreas rurais quanto as urbanas das localidades visitadas.

O giro por si só é considerado uma forma de sacrifício, já que dura muitos dias, tem grande extensão, e consiste em grande esforço físico. Por ocorrer no final do ano, durante o verão, a Folia sempre é acometida por dias de chuvas intensas, assim como de calor escaldante. Carregar os instrumentos no tempo e por longas distâncias trata-se de um esforço intrínseco ao giro, que faz parte do processo de consolidação da devoção e de internalização do propósito do sacrifício como moeda de troca. Nesse sentido, os folieiros são vistos pelos devotos como meios de alcançarem as bênçãos, já que a jornada do grupo é um instrumento que viabiliza as promessas e a concessão de graças, tendo o percurso também uma finalidade sagrada. Durante a jornada, trocam-se serviços religiosos, gentilezas, refeições, donativos, bênçãos, rezas e entretenimentos. O sacrifício se relaciona com o esforço pessoal empreendido por parte de cada membro do grupo, para garantir que as promessas sejam cumpridas, e se caracteriza por trocas e compromissos mútuos que intensificam o sentimento de solidariedade e comprometimento em torno da fé católica e de suas formas de sociabilidade.

Normalmente o trajeto da Folia de Reis de Paracatu de Baixo costuma ser preestabelecido pelo capitão Zezinho, que tenta contemplar os pedidos dos conhecidos que solicitam a presença do grupo em suas residências, de acordo com o calendário de almoços, refeições e pernoites que são oferecidos nas localidades visitadas. Porém, o critério da proximidade não é o único observado nessa escolha, sendo que a Folia se propõe a entrar em qualquer casa em que seja convidada a tocar, não apenas de conhecidos. Dessa forma, angariar novos devotos também é um dos objetivos do giro, garantindo o aumento do alcance da devoção e da utilidade do percurso. O incremento no número de ruas e residências a serem visitadas gera, por consequência, um maior volume de

escolas e donativos coletados.

A manifestação, em geral, costuma ter o giro iniciado no distrito de Monsenhor Horta, no dia 26/12, e, antes do rompimento, o “arremate” dela era sempre na Capela de Santo Antônio, em Paracatu. Porém, hoje, com o esvaziamento da localidade e o deslocamento de parte da comunidade, o “arremate” acontece em locais variáveis, sendo que, no Ciclo de 2018/2019, ocorreu na Igreja de São Gabriel, no distrito de Águas Claras.

Os elementos mais visitados no interior das residências são os altares e os presépios que retratam o nascimento de Jesus, os quais se tornam, assim, o principal foco dos folieiros nas residências. Nesse sentido, um presépio costuma ser montado na casa onde a jornada começa e outro presépio é instalado onde o percurso termina. Como atualmente essa escolha tem sofrido variações em decorrência do cenário de deslocamento em que se encontra a comunidade de Paracatu de Baixo, a montagem desses presépios que marcam a ocorrência da Folia, arranjos construídos tradicionalmente por Maria Geralda Oliveira, uma das filhas do capitão, hoje passou a ser feita aleatoriamente, por pessoas designadas pelo mestre em cada ocasião.

Sempre no dia 1º de janeiro, a Folia passa pelo distrito de Furquim, devido à existência de outras festividades católicas da localidade no período, como a Festa do Divino Espírito Santo. As andanças também incluem as igrejas locais, as casas com presépios, os cruzeiros e as fazendas, como tradicional Sítio Lages.

Embora o giro da Folia chegue até o município vizinho de Barra Longa, a celebração apresenta proporções modestas. Não possui caráter turístico, pois o trajeto é acompanhado apenas pelos próprios folieiros, e tanto os rituais de saída, que indicam o início da celebração, quanto o “arremate”, de encerramento da festa, são feitos no contexto da própria comunidade folieira e dos devotos, não atraindo a participação de muitas pessoas de fora. O grupo de folieiros hoje em atividade é pequeno, composto por cerca de oito a doze pessoas, dependendo do dia da semana em que a folia gira. Como a celebração dura tradicionalmente doze dias, é difícil a permanência





dos tocadores durante todo o giro, principalmente para aqueles que trabalham e não conseguem permissão para participar de todo o festejo. Mestre Zezinho se ressentia da não participação de seus filhos e de outros folieiros mais velhos durante toda a celebração. Segundo ele, a necessidade de trabalhar acaba tirando “muita gente boa de tocar” da Folia: “Os filho meu tudo gosta da Folia! Gosta da Folia!!! Mas eles tudo é empregado, chega na época não podem ir” ².



**"VIM FAZER UMA VISITA...
QUE ESSE SANTO DESEJA..."**

INSTRUMENTOS E INDUMENTÁRIA





Os objetos sagrados da Folia constituem importantes aspectos da manifestação que trazem a aura do sagrado e constituem a materialidade dos elementos necessários à produção do ritual. Instrumentos musicais, bandeiras, fitas, flores e chapéus são objetos que fazem parte da tradição simbólica da Folia. No caso de Paracatu de Baixo, os instrumentos mais utilizados são: caixas (de três a cinco), uma sanfona, dois pandeiros e um xique-xique ou reco-reco. No passado a Folia contava com mais instrumentos, como outras duas sanfonas, dois violões e duas violas, mas, devido à diminuição dos membros do grupo, esses instrumentos deixaram de ser utilizados pela falta de executores. Em algumas ocasiões, Elias Oliveira e Antônio Geraldo Oliveira, filhos do seu Zezinho que ainda participam da folia esporadicamente, engrossam o coro da sanfona e das caixas. Todos os instrumentos utilizados são industriais, pois a maioria dos antigos fora destruída pelo rejeito com o rompimento de Fundão. Desse modo, novos equipamentos foram fornecidos pela Fundação Renova, mas são instrumentos de percussão comuns, já que não existem mais aqueles tradicionais, como as caixas de folia, que eram feitos de couro de animais, de forma artesanal.

Duas dessas caixas foram encontradas em meio ao rejeito nas proximidades das ruínas da casa do seu Zezinho. Antônio Oliveira, filho do capitão, as encontrou-as quando procurava pertences do pai nas redondezas do terreno da antiga residência. Essas caixas encontradas foram guardadas pelo mestre, que argumentou que não serão mais utilizadas, pois vão ficar apenas como lembranças da Folia como era feita no passado. Para ele, os novos instrumentos ganhados são bons e atendem o objetivo da Folia, pois, por serem de material sintético, não alteram a qualidade do som em dias chuvosos. Assim, entre transformações e permanências, os saberes associados aos instrumentos e à musicalidade no contexto da Folia de Paracatu são de inteira responsabilidade do capitão, que continua ensinando mediante as prerrogativas da oralidade, ou seja, do aprendizado através da experiência, do viver junto, da audiência do conhecimento dos mais velhos. Nesse sentido, para o mestre, as formas de transmissão continuam intactas, e tocar instrumentos industrializados foi uma ótima opção, dado que tudo que havia antes se perdeu em meio ao rejeito.

Durante os dias do giro, os instrumentos musicais são ornamentados com flores e fitas coloridas, assim como as vestimentas dos folieiros e seus chapéus. Mestre Zezinho faz questão de enfeitar esses elementos pessoalmente e garante, assim, que a Folia fique bem “bonita” e chame atenção daqueles que passam. Com relação à indumentária, a Folia não possui padrão específico, pois, em geral, são frutos de doações dos devotos, que oferecem os *kits* de uniforme como pagamento das promessas alcançadas. Dentre os poucos registros fotográficos que sobraram, há um, de meados dos anos 2000, em que o grupo veste roupas nas cores amarelo e azul-marinho. No entanto, não existe um padrão fixo de cores nas vestimentas, já que, em outra foto antiga encontrada, do final dos anos 1990, tem-se o grupo vestido com calças e blusas brancas. Atualmente é utilizada uma blusa de cor azul-claro, estampada com a imagem do Menino Jesus. Porém, em geral, as roupas utilizadas são comuns, sendo que na Folia de Paracatu não existem interdições quanto à indumentária dos folieiros. O grupo pode e costuma se apresentar com roupas não devocionais, ou seja, de uso cotidiano, que não são especificamente concebidas para o momento do ritual da Folia.

“Nas outras folias costuma mulher não tocar. Mas aqui não tem isso. O povo até gosta! Aqui mulher tira até canto! Tem as filhas do seu Zezinho que taí, faz tempo... Eu gosto de tocar a caixa! Fui aprendendo, vendo os outros tocando, aí, eu fui e aprendi. Antes tinha a bandeira, a gente acompanhava ela, mas antes não podia pegar na caixa, não, eles não deixava, né? Aí... agora que nós estão... Eu falei “Agora vou começar a tocar também”. Agora que eu passei a tocar... saio todo ano!”³ (Marilene Rufino).

**“LÁ DO CÉU DESCEU UM ANJO...
TODO COBERTO DE FLOR...”**

·A BANDEIRA·



A bandeira da Folia de Reis de Paracatu de Baixo é feita de tecido vermelho, enfeitada com fitas coloridas e contém a imagem do Menino Jesus, bem como a data de 1961, que configura o início da direção da celebração pelo capitão Zezinho. Tem-se o costume, nas folias, de sempre se costurarem as bandeiras, e nunca amarrá-las com nenhum tipo de nó ou alfinetes. Segundo a crença, não “amarrar” a bandeira garante que nenhum obstáculo seja imposto durante a jornada do grupo.

Na Folia, assim como reza a tradição, a bandeira vai à frente do grupo de tocadores e é carregada por um membro específico, que fica com a incumbência de zelar pelo símbolo durante todo o giro. Existe uma interdição costumeira, no caso da bandeira, que se trata do fato de nenhum membro da Folia poder adentrar a casa antes dela. Portanto, a bandeira é sempre conduzida de forma solene e, quando chega às residências, é recebida com muito respeito e comoção pelos devotos.

Há três anos que a jovem Letícia Anacleto Fonseca, moradora de Mariana, é quem conduz a bandeira da Folia. Ela é o um dos elos na transmissão da celebração, já que toda a sua família vem há pelo menos três gerações envolvida com a celebração. Nesse sentido, ela é a garantia de que a tradição está sendo transmitida, e, assim, poderá se preservar no tempo. Quando o grupo chega às casas, a bandeira é entregue nas mãos do anfitrião pela condutora, que adentra a residência antes de qualquer outro membro do grupo. Em geral, a bandeira é beijada pelos anfitriões, principalmente pelas crianças, em sinal de reverência ao Menino Jesus, como se uma benção fosse carregada pelas fitas coloridas e adereços do tecido. A chegada do cortejo é sempre acompanhada de muita emoção, sendo que em alguns casos as pessoas ficam na porta de suas residências aguardando o grupo de folieiros. Alguns devotos choram, seguram a bandeira ou se ajoelham diante dela, em sinal de respeito e crença na fé, de que a presença daquele símbolo trará graças para a casa e a família. Existe o costume de passar a bandeira sobre a cabeça das crianças e nos cômodos da casa, visando abençoar o local e seus moradores.

A bandeira é um elemento de grande importância para as folias e outras celebrações religiosas,

pois constituem-se em suportes destinados a acolher e sustentar o santo de devoção. Trata-se de um símbolo sagrado, já que, por meio dela, as promessas são realizadas. É diante da bandeira que muitos devotos fazem seus pedidos. Ela também carrega a carga da graça atendida e da gratidão ao Menino Deus. Alguns devotos costumam pendurar terços ou outros enfeites, como fitas e flores na bandeira, em agradecimento às promessas atendidas.

No caso de Paracatu de Baixo, a bandeira como símbolo sagrado tomou contornos ainda mais específicos, associados ao fato de que esse objeto se tornou praticamente a materialização de um “milagre”. A bandeira encontrada limpa em meio à lama, num ambiente devastado pelo rejeito, foi considerada pelo mestre Zezinho como o “sinal” de que a Folia não podia acabar, mesmo diante de toda aquela tragédia. “No meio da lama eu fui lá... Eu saí de Mariana e vim, para espiar no meio da lama se tinha sobrado alguma coisa. Passei a mão no enxadão, ‘Eu vou ali cavacar para ver se eu acho algumas vasilhas, porque às vezes entupiu, mas está lá, oh, minha filha! Nessa altura de barro aí, cê vai caçar os trem aí? Não... eu vou. Olha, eu achei uma tampa de tacho aqui! Achou? Achou? Mexe mais aí!’ ‘Aí... foi achando, os tachos, pondo para fora. “Agora o senhor vem cá. Onde é que estava a sanfona? Nessa marca aqui, tinha uma mesa aqui, e pertim da mesa estava a sanfona, três bandeiras, oito pandeiros. Tava ali’. O outro ficou mexendo lá. Aí, ele achou uma bandeira! ... Achou a outra... achou a sanfona, achou mais outra sanfona! ‘Ah... eu estou achando tudo, mas não presta não’... ‘Oia! Vem cá... Aqui ‘... Pegou ela e ficou segurando ela assim, que era barro puro. Até que... ‘Aqui ó! Olha sua bandeira’. Quando eu bati os olhos que vi a bandeira... limpinhazinha! Fui depressa. Fui... passei a mão nela, sacudi e virei ela. Nem um pinga de barro! Aí eu pensei: ‘Menino Jesus deixou essa bandeira para a Folia não acabar, e a Folia não vai acabar! Só depois que eu morrer. Porque enquanto eu estiver vivo, eu não largo essa Folia!’ Peguei a bandeira, guardei, e está lá em casa. Está lá... guardadinha!’” (seu Zezinho).

O simbolismo atribuído ao encontro com a bandeira “limpinhazinha” leva a pensar sobre como esses objetos sagrados podem adquirir uma importância para além da materialidade que carregam. A bandeira deixa de ser um símbolo da devoção e se torna a materialização da própria

graça de Deus, um signo de perseverança, pois “a Folia não pode acabar”! O processo mágico passa a estar “na” bandeira, que se torna um agente do sagrado, capaz de aproximar as esferas da vida e da morte, do passado e do futuro, garantindo no presente a manutenção da fé e a motivação para a permanência e a preservação da Folia para as próximas gerações.



**"HÁ DE SER ILUMINADO...
PELO SANTO DESSA BANDEIRA..."**



• OS CÂNTICOS •





Os cânticos entoados na Folia de Reis de Paracatu de Baixo remetem ao nascimento do Menino Jesus e aos acontecimentos relacionados a ele, tal como a viagem dos três Reis Magos e os louvores à Virgem Maria, mãe de Deus. Seu Zezinho diz que aprendeu a entoá-los durante as andanças junto dos com os “mais antigos” da Folia. De acordo com o mestre, não são criados versos novos, embora ocorram variações ao longo dos anos devido à forma oral de transmissão da tradição. Não se sabe exatamente o número de estrofes ou a quantidade de versos existentes, pois muitos são de conhecimento apenas do capitão.

A transmissão dos versos ainda hoje é dada da mesma forma, pela oralidade, sendo que o capitão puxa os cânticos e os demais tocadores respondem o coro, repetindo os mesmos versos. Dessa forma, combina-se uma variedade finita de versos, que se confundem e se mesclam, além de outros que surgem da espontaneidade do momento. De todo modo, o capitão ou o puxador, sempre passa os conhecimentos de forma espontânea e natural em meio ao saber-fazer que o guia, durante a execução dos ritos da Folia.

Os versos se distinguem conforme a finalidade (chegada, saída ou agradecimento pela comida ou esmola) e conforme o lugar onde são proferidos, se dentro da igreja, em frente a um presépio, na casa de alguma mulher grávida ou de uma pessoa doente. No caso da Folia de Paracatu, não se observou uma complexidade rítmica, e há poucas variações na forma de tocar e no andamento dos cânticos.

**"AO CHEGAR NA CASA SANTA...
ONDE DEUS FEZ A MORADA..."**

AS • ESMOLAS •



Na Folia de Paracatu de Baixo o recolhimento das esmolos é, há mais de dez anos, responsabilidade de Marilene Rufino Anacleto, que fica incumbida de guardar, em casa, os donativos arrecadados, até o final da celebração. Os alimentos angariados são utilizados para o preparo das refeições para o próprio grupo durante o período de ocorrência da Folia. Já o dinheiro é guardado para ser usado na Festa do Menino Jesus, para a contratação de equipamentos de som, dos conjuntos musicais que animam a festa, e para a alimentação que é fornecida durante o festejo para toda a comunidade presente. As esmolos, assim, configuram-se como um importante produto da Folia, pois fornecem os recursos necessários para a manutenção, a alimentação e o deslocamento dos folieiros, bem como viabilizam a ocorrência da Festa do Menino Jesus.

As esmolos são donativos oferecidos pelos devotos de forma voluntária e têm a função de mediar as relações entre os devotos e o grupo de folieiros durante a apresentação destes. Costumam ser ofertadas no momento da realização dos cânticos. Além de serem um quantitativo que reflete a urgência da graça a ser conquistada (quanto maior e mais difícil o pedido, maior o valor oferecido), elas também medem o tempo de permanência da Folia em cada casa, pois, quanto maior a esmola, mais o grupo se apresenta. Essa troca implica um tipo de reciprocidade na qual o devoto faz a oferta e os folieiros dão em troca o processo de mediação entre a promessa e o santo para o qual ela está sendo dirigida. Logo, as esmolos possuem um sentido de trabalho, uma agência por meio da qual o serviço de interlocução com o sagrado é realizado. As esmolos também podem servir como pagamento de promessas alcançadas, pois está relacionada com a própria eficácia espiritual com relação ao atendimento das demandas dos fiéis. Angariar boas esmolos indica uma dupla eficácia: da Folia no cumprimento das promessas dos devotos; e do grupo na realização dos fundamentos e rituais devidos para o sucesso da jornada.

“Igual... quando meu filho nasceu, ele teve um problema de respiração. Ele só respirava pela boca só. Não conseguia respirar pelo nariz, né!? Aí, fizemos a promessa. Ele estava acompanhando, estava junto também! Aí, nisso, de repente, acabou assim. Fez o exame, já não tinha mais nada. Aí, pra pagar a promessa... Daí, ele vai acompanhar a gente todo ano, até quando ele quiser! Ele



tá novo ainda! Parece que tá gostando. Espero que não para, né!? Minha família tá nisso muito tempo! Mãe fazia comida, dava pouso, Pai já foi um dos mestres, na época que ia tudo a pé... Queria que meu filho continuasse isso, né?”⁵ (Márcio Idelfonso).



**"DEUS LHE PAGUE A BOA ESMOLA...
QUE O DONO DA CASA DEU..."**



◊ O PALHAÇO ◊





palhaço é uma figura muito comum na tradição das folias, por incorporar a parte profana e lúdica da celebração. Ele representa o papel cômico, do deboche, da diversão e da alegria contidas nessa festividade. A figura do palhaço é uma das mais queridas da Folia de Paracatu de Baixo, e hoje a função é exercida pelo coveiro José Geraldo Teixeira, também conhecido como “Zé Nestor”. Ele faz uso de roupas chamativas e máscaras diversas. No caso de Paracatu de Baixo, o palhaço possui duas vestimentas, uma, toda vermelha, e outra, quadriculada, bem colorida. Nas folias, a função do palhaço é brincar com o público e executar danças e evoluções com extrema comicidade. De certo modo, essa figura profana contrasta com o lado sagrado da celebração, pois se torna um ponto de vazão, dado que a chegada desse integrante é um momento de entretenimento para devotos e não devotos. Assim, o palhaço é um personagem à parte por onde passa, descolado das rezas, cânticos e promessas, e a performance dele se distancia do significado prioritariamente litúrgico da manifestação. Principalmente para o público infantil, o palhaço é a grande atração do cortejo, tanto que as crianças ficam provocando-o e depois fogem quando ele ameaça persegui-las. Durante o giro nas localidades visitadas, ele segue dançando junto do grupo e fazendo estripulias, porém, quando é necessário entrar em alguma casa para tocar ou pedir esmolas, o palhaço retira a máscara em sinal de respeito.

Segundo Zé Nestor, quando está mascarado, o palhaço se comunica mais por gestos, pois a máscara impede a comunicação verbal. Como é tradição, os devotos costumam oferecer bebidas e lanches durante as visitas, e esse “refresco”, junto à ingestão de ovos crus, contribui para o palhaço incorporar o espírito da bagunça e do escárnio e aguentar o ritmo pesado do percurso, sendo esses itens muitas vezes oferecidos peços próprios devotos, após a bandeira sair das residências deles. O palhaço é o elemento mais fotografado durante o giro, e suas brincadeiras rompem as barreiras da infância e se estendem para adultos e idosos, que mexem com o personagem quando ele passa, gritam quando ele aparece. O palhaço rola no chão, brinca de bola com as crianças, pula, corre, sobe nas árvores e se contorce. É um momento cômico em meio às solenidades dos rituais religiosos.

**"EU VIM PEDIR UMA ESMOLA...
PARA O SEU DIA FESTEJAR..."**

Além de palhaço, José Nestor é cantador e tocador de caixa, mas diz preferir a primeira função. Ainda de acordo com ele, existe uma tradição de brigas de palhaços quando se encontram duas folias pelo caminho. Em geral são eles que representam a tensão do momento e incorporam a hostilidade ao rival. Na tradição das folias é comum histórias de brigas e conflitos que se dão por ocasião do encontro de dois grupos, embora hoje, em decorrência da redução do número de folieiros, isso se torne cada vez mais distante e improvável.

Na Folia de Paracatu de Baixo o palhaço é um posto de grande longevidade. Já foram vários os intérpretes dessa figura ao longo dos anos, sendo que o mais antigo de que se tem notícia é o José Discena, mais conhecido como “Zico”, que já era palhaço quando seu Zezinho entrou para a folia. Ele também tocava caixa, apesar de ter apenas um braço, e ocupou o posto por muitos anos, sendo muito querido e respeitado por todos, por ser muito brincalhão e dedicado à celebração. Depois do Zico, o papel do palhaço foi assumido pelo João Corinto, provavelmente em meados da década de 1970. Nessa época, a Folia também costumava se apresentar com um casal de palhaços, o que deixava o folguedo ainda mais animado, com os dois interagindo. Como a presença de mulheres em folias era muito rara nesse período, a palhaça muitas vezes era um homem vestido de mulher. Só recentemente, a presença feminina se tornou mais constante no grupo. A figura “de palhaça” chegou a ser interpretada por Marilene Rufino Anacleto Evangelista, que atualmente acumula os cargos de tocadora de caixa e guardiã das esmolas. Marilene informou que as roupas da palhaça ainda existem, mas não tem mais quem incorpore a personagem feminina. Após o João Corinto, a função de palhaço passou a ser desempenhada pelo José Valdecir e em seguida por Elias Oliveira, este último, um dos filhos do capitão Zezinho. Depois de Elias, assumiu o posto o atual palhaço — Zé Nestor —, que contou que está nessa função desde muito jovem:

“Comecei a andar com a Folia, eu estava com 14 anos, com o pai do Márcio. Gostei demais! Mesmo depois que ele morreu, continuei minha caminhada com Menino Jesus. Aí, passou um pouco, comecei como palhaço...Aí, o palhaço anima a Folia, né? Anima a Folia! As meninas gostam! As mulheres me chamam para tirar foto, né?! Chega a Folia, os meninos quer saber, cadê o palhaço? ... Vou brincando, né? Eles num sossega, ficam correndo atrás de mim!”⁶ (José Teixeira).

ATRADIÇÃOVIVE! ^{OS}PERSONAGENS

♦ DA FOLIA DE PARACATU HOJE ♦



Como se trata de uma manifestação cultural, portanto dinâmica e em constante transformação, a Folia de Paracatu de Baixo foi se adaptando às dificuldades impostas pelo mundo do trabalho, pela falta de interesse dos mais jovens, situação agravada pelos sérios impactos sofridos por ocasião do rompimento da barragem de Fundão, que descaracterizou a relação da celebração com o território de origem. Essa desconfiguração social produzida repentinamente promoveu diferentes formas de fragmentação nas comunidades afetadas e consequentemente nas manifestações culturais pertencentes a essas áreas. Os moradores locais tiveram que se readaptar ao novo cenário para conseguirem sobreviver, reproduzir seus costumes e modos de viver e se adaptar aos impactos decorrentes do desastre. Atualmente o grupo que compõe a Folia, liderada por mestre Zezinho provém em sua maioria do distrito de Águas Claras. Após o rompimento, com o deslocamento de parte da comunidade e a desarticulação do núcleo familiar residente em Paracatu de Baixo, seu Zezinho, passou a depender cada vez mais da participação de pessoas de outras localidades para a viabilização da jornada. Embora o mestre demonstre o desejo de entregar a Folia para os filhos, atualmente o grupo mais engajado com a manifestação é o de Águas Claras.

Como um registro atual do grupo de folieiros, citamos o nome dos integrantes mais atuantes, bem como a função de cada um no cortejo. Essas pessoas são responsáveis pela permanência da Folia nos últimos anos, sendo que a maioria delas é de famílias que tradicionalmente já possuem participação na celebração, ou seja, são os filhos e netos de antigos folieiros, demonstrando a manutenção dessa tradição no seio de alguns núcleos familiares próximos ao mestre Zezinho. São eles os atuais integrantes:

- . Márcio José Ildefonso - sanfoneiro;
- . Antônio Geraldo Oliveira - sanfoneiro e puxador;
- . José Geraldo Teixeira - palhaço, tocador de caixa e puxador;
- . Marilene Rufino Anacleto Evangelista - guardiã das esmolas e tocadora de caixa;
- . Maria Geralda Oliveira - produtora dos presépios;

- . Letícia Anacleto Fonseca - guardiã da bandeira;
- . Tarcisyane Aparecida Anacleto - guardiã da bandeira;
- . Marlene do Carmo Pereira Gonçalves - tocadora de caixa e puxadora;
- . Luciana Aparecida Ferreira - tocadora de Caixa e xique-xique;
- . Marilê Norberto Anacleto - tocadora de caixa;
- . Joel do Carmo Simão - tocador de pandeiro;
- . Adair Deusdete Vitor - tocador de pandeiro;
- . Silvio Custódio Ferreira dos Santos - tocador de pandeiro;

Uma das características da Folia, conforme se pode perceber na composição acima detalhada, demonstra a efetividade da transmissão geracional imprescindível para a permanência da celebração ao longo do tempo. O grande número de mulheres presentes dentre os tocadores durante o giro é algo pouco comum na tradição das folias. A participação feminina no cortejo não é permitida, principalmente no grupo dos tocadores. Embora tenha sido criticado pela inclusão de mulheres no grupo, seu Zezinho é um defensor dessa presença na manifestação, pois, segundo ele, depois que as mulheres passaram a tocar, as esmolas ficaram mais frequentes e a cantoria, mais animada. Para seu Zezinho, não existe nenhuma restrição à participação feminina em seu grupo. Pelo contrário, ele vê essa mudança como necessária para a popularização e a democratização da Folia, como manifestação voltada para um público diversificado.

Se a vivência em comunidade em Paracatu de Baixo deixou de ser coletiva, a preservação da Folia marca a singularidade desse grupo social e promove a manutenção dos modos de ser e viver que aglutinam identidades coletivas e mantêm vivas as tradições que conferem sentido à comunidade. A Folia não é apenas um bem cultural relevante para Paracatu de Baixo, mas é hoje também um símbolo da sobrevivência e da resistência da cultura do distrito, mediante os impactos sobre as principais referências espaciais, históricas e sociais do local.

A cultura popular permite analisar as práticas dos sujeitos sociais porque possibilita estabelecer a

compreensão de seus referenciais de vida e de seus hábitos como participantes do cotidiano, bem como suas estratégias para a transmissão dos saberes para as próximas gerações. As manifestações da cultura popular são dinâmicas e por isso não podem ser congeladas, dado que suas práticas só existem por causa dos significados que adquirem para os sujeitos que as vivenciam e delas trazem suas experiências. Entre a multiplicidade de caminhos, a cultura se manifesta. O giro evidencia essa diversidade das manifestações de fé das comunidades e da solidariedade que une bençãos, graças e promessas em um ciclo que se renova a cada ano, alimentando a crença no Menino Jesus e no sacrifício da jornada como meio de ajudar a si mesmo e ao próximo. Preservar a Folia é garantir que a construção das práticas religiosas e o dia a dia delas seja revivido por meio de gestos, linguagens e reciprocidades. A folia traz o sagrado para dentro das casas e em troca recebe a gratidão como combustível para se manter de pé na vida. Graças a essa troca, estabelece-se uma solidariedade entre duas sociedades: a humana e a divina. A Folia significa não apenas uma lição de fé, mas principalmente uma lição de vida, pois deixa claro que o ser humano, mesmo na provação (o rompimento é um marco traumático na vida dos atingidos), ainda é capaz de recriar a própria cultura, adaptando ritos, símbolos, costumes, espaços e modos de viver às condições de sobrevivência mais adversas. Assim, pode-se concluir que a dimensão da cultura é tão fundamental à vida quanto a dimensão material, mas desta se difere por ser capaz de se refazer exclusivamente pela vontade do ser, pela força da tradição e da fé!

**"O TEMPO PASSA DEPRESSA...
SE DEUS QUIZER, NÓS VAI E VOLTA!..."**

**...MENINO DEUS QUE LHE AJUDE...
QUE EU VOU COM NOSSA SENHORA!"**



